

Resenha

A inevitabilidade do destino em Sargento Getúlio, de João Ubaldo Ribeiro

Gustavo Henrique Rückert¹

A crença na inevitabilidade do destino – *daimon* – encontra raízes na cultura grega. As moiras, ao tecer os fios do destino, teciam o resultado das ações humanas. Por mais que Édipo lutasse contra o seu destino, nada adiantaria, ele já estava traçado. *Alea jacta est*. E somente os deuses é que poderiam lançar a sorte dos homens.

Em *Sargento Getúlio*², de João Ubaldo Ribeiro, 1971, temos um romance em que a tensão gira em torno da inevitabilidade do enredo. O motivo, contudo, não é a divinização do destino, como nas obras helênicas, mas a personalidade do protagonista. O prólogo do livro já diz tudo: “Nesta história, o Sargento Getúlio **leva** um preso de Paulo Afonso a Barra dos Coqueiros” (Grifo meu). Ou seja, por mais que haja uma tensão em torno do cumprimento ou não da missão designada ao Sargento – e personagens como a sua Luzinete possam sugerir a deserção e Getúlio refletir sobre isso – já está escrito: ele levará o preso até a Barra dos Coqueiros. Por quê? A resposta também está no próprio prólogo: “É uma história de aretê”. Assim, a virtude e a honra são os motivos da inevitabilidade. Afinal, são os constituintes principais da obra, como é anunciado.

O protagonista Getúlio – um matador – é quem guia o leitor nessa jornada em primeira pessoa num fluxo explosivo de fala em tempo presente. Dessa forma, com a ausência de um distanciamento do caso narrado e do narrador, há uma exaltação subjetiva por parte deste conforme aumenta a tensão do conflito. Getúlio, sendo Sargento, fora designado à missão de conduzir um preso político de Paulo Afonso a Barra dos Coqueiros – divisa da Bahia e do Alagoas até Sergipe. A ordem é de Acrísio Antunes, líder do PSD que já havia encomendado vinte trabalhos – mortes – do Sargento; e o preso, um intelectual da UDN. O romance inicia *in media res* e uma inversão política põe a missão em suspeita. Getúlio é avisado por terceiros de que sua missão estaria suspensa. Entretanto, como não é avisado pelo próprio Acrísio Antunes, ele suspeita daqueles que lhe dão a informação da suspensão e decide cumprir a sua palavra a qualquer custo. Ao longo da jornada, desabafa sobre sua vida, o assassinato da sua mulher, grávida, de sua autoria tendo por justificativa um adultério, sua relação com Acrísio, seu caso com Luzinete. Para, por fim, cumprir sua palavra e comprovar sua virtude, comete inúmeros crimes – inclusive o homicídio de outros militares – e acaba entregando a sua vida.

¹ Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Letras/UFRGS

² Obra que rendeu o prêmio Jabuti de Autor Revelação a João Ubaldo Ribeiro.

A fonte do romance, segundo João Ubaldo, é uma história muito ouvida em sua infância: seu pai sempre contava um antigo caso de heroísmo. Assim, num enredo baseado numa idade moderna, Getúlio se constituiu com valores pré-modernos, arcaizantes, comuns às classes militares. Para o Sargento, a honra está acima de qualquer coisa, respeitando a qualquer custo às ordens dos níveis hierárquicos acima do seu. É, portanto, o braço armado de seu chefe, o mentor das ações. É por isso que se Acrísio Antunes não deu, pessoalmente, novas ordens suspendendo a entrega, Getúlio a fará: “se eu tomo o recado e não levo o homem, fico sem graça” (p.101). “Eu o levo, sim. Nunca fui de falhar no meio, eu levo, sim” (p.102). “Deus me livre que eu não leve o coisa comigo e não entregue” (p.103). “Chegar em Aracaju com o peste (...) isso eu chego, em Aracaju eu encosto com ele, nem que seja nem que seja, nem sei, mas encosto” (p.107). Getúlio repete inúmeras vezes ao longo da trajetória o fato de que não desistirá, cumprirá a missão de qualquer forma, afirmando sua honra, primando pelo caráter. Os crimes cometidos são justificáveis: tentaram impedir que cumprisse sua tarefa. O protagonista está “prensado entre dois mundos”, como reflete Dacanál. As crises políticas e o advento do mundo moderno não mais comportam as virtudes essenciais de Getúlio. Logo, ele se encontra “sem mundo e sem tempo” e parece ter consciência disso, revelando o seu desânimo:

Porque a vida é comprida demais e tem desastres. Quem agüenta a velhice que vai chegando, os espotismos e as ordens falsas, a dor de corno, as demoras em tudo, as coisas que não se entende e a ingratidão quando a gente não merece, se a gente mesmo pode se despachar, até com uma faca” (p.102).

Em suma, o leitor sabe o que acontecerá com Getúlio e ele mesmo sabe. Chega a refletir muitas vezes sobre outras possibilidades de destino: “Pois é, Luzinete, olhando assim pela janela, podia ficar aqui. Mas tem horas que se pode ficar, horas que não se admite” (p.125). Enfim, ter uma vida estável ao lado de Luzinete opõe prazer à honra: inaceitável para seu caráter. Ele cumprirá sua missão sabendo que morrerá. Prefere, como os heróis épicos, morrer em luta, *morrer macho*. Sua tragédia é inevitável. E quando chega em seu destino e o confronto com os demais militares se torna insustentável, seu fluxo de fala se torna mais frenético ainda e é seguido pelo silêncio: “ (...) vidaeu sou eu e vou e quem foi ai mi nhalaran jeiramur chaai ei eu vou e cumpro e faço e ” (p. 163). Assim como o homônimo Getúlio Vargas, em carta, anunciou que saía da vida para entrar para a história, Getúlio dos Santos Bezerra – nome de 7 sílabas, dá verso popular! – sai da vida querendo entrar para o lendário, querendo que sua vida seja sempre lembrada como uma grande história de aretê.

Referências:

- DACANAL, José Hildebrando. *O sargento sem mundo*. In: *Nova Narrativa Épica no Brasil*. Porto Alegre: Sulina, 1973, pp. 89-99.
- RIBEIRO, João Ubaldo. *Sargento Getúlio*. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2007. 4ª edição.